

Guimarães
O ZIRRO

REVISTA SATYRICA E LITTERARIA

ASSIGNATURAS

1.º ANNO

Série de 26 numeros. 500
" " 13 " 250

Guimarães, 27 de março

PUBLICAÇÕES

Annuncios e communicados 20 reis por linha.
Todos os authographos sejam ou não publi-
cados não são devolvidos.
A correspondencia é dirigida à redacção
GUIMARÃES

N.º 9

Guimarães, 26 de março



SAUDADE

É sob a pressão das mais dilacerantes dôres que traçamos estas linhas.

O Porto, a cidade a quem o paiz deve ser grato, não só por o impulso que o progresso ali tem recebido, como por ser ali que por mais de uma vez se tem hasteado o pendão da liberdade para conseguir e fazer respeitar as garantias populares; acha-se esmagado por uma das mais horrosas hecatombes dos seus tempos; vê as suas alegrias envoltas nos mais espessos veus de tristezas.

O desastre do theatro Baquet feriu toda a nação, como deve ferir toda a humanidade.

É que quando as desgraças attingem ao vulto d'aquella a que nos referimos, esmaga todo aquelle que pensa, que sente, deixando-lhe na alma indeleveis recordações, recordações de um soffrer doloroso, de uma lembrança esmagadora que nos traz aos ouvidos o horrivel clamor das victimas que succumbem sob o supplicio das asphixias, sob as cruciantes dores produzidas por o martyrio da carbonisação, sob a trituração das carnes causadas por as quedas ou por os desmoronamentos; que nos faz ver as lancinantes lagrimas das creancinhas que choram a perda d'aquelles que lhes deram o ser, que lhes enviam de arrimo; que nos mostra o atroz soffrer da pobre mãe que desvai-

rada, louca, lamenta a morte, o soffrimento do filhinho por quem dera tudo quanto possuia.

Como é triste este quadro.

Porem, basta, e sobre a campa das victimas da horrivel catastrophe, vamos derramar algumas lagrimas, desfolhar algumas saudades.

Paz ás almas dos que já não são da terra.

A catastrophe do Baquet

Não bastou a licção que nos deram os incendios do «Ring-theatre», da «Opera-Comique», do «Exeter» e outros para que se tomassem as providencias necessarias a evitar entre nós uma grande desgraça.

Não bastou, dissemos, porque essa extraordinaria, essa medonha catastrophe do Baquet mostrou quanto olhamos com indifferença para o que tanta attenção nos deveria merecer.

O Porto, pelo desleixo d'uus, pela incuria d'outros e pela culpa de muitos, acaba de presenciar uma tragedia terrivel.

A cidade invicta, envolta de crepes chora hoje e chorará por largo tempo a morte terrivel e horrosa de dezenas de individuos que deixaram centenaes de familias na mais cruel das angustias, em lucta desesperada com a saudade por aquelles que morreram na mais cruel das circumstancias!

Falta-nos a coragem, e mesmo o espaço para reproduzir-mos aqui o que a imprensa portuense tem publicado sobre esta enormissima desgraça e por isso vamos terminar com este voto:

Pelos mortos paz eterna á sua alma.

A suas familias a nosa mais sincera expressão de sentimento.

dade, se o Barão X... fez uma figura ridicula no baile da embaixada, se houve ou não escandalos na «soirée» da condessa A...?

O que tu desejas saber é o maior ou menor desenvolvimento das «tournures», o modo dos penteados dos chapaus, e de todas essas ninharias—cala-te, ó profano!— com que o bello sexo se enfeita, e o que consola mais!—simplesmente para agradar ao sexo feio!

Querias que te fizesse uma descripção exacta, minuciosa, do teu ultimo figurino importado de Paris, da côr mais em voga, das rendas mais usadas. Hei-de procurar saptisfazer o teu desejo, minha formosa leitora.

—Mas, dirás tu, são promessas de cronista... Enganas-te. Ao que prometter não faltarei.

O que te peço é que sejas um pouco condescendente para comigo. Quando no teu «boudoir» elegante receberes o «Zirro» e deitares os olhos languidos e formosos para a cronica, deixa escapar um sentimento de compaixão para este pobre rapaz que se propoz porporcionar-te alguns momentos de leitura amena. Talvez o não consiga, porque a tarefa é ardua: isto de agradar a senhoras é bastante difficil. Mas... ahi estava eu a cahir no «peccado» da murmuração. E agora, que se aproxima a semana santa. Safa!

A redacção d'este jornal resolveu abrir desde já uma subscrição cujo producto será destinado a minorar a sorte d'aquelles que hoje se acham sem recursos em virtude da grande catastrophe.

Qualquer quantia pode ser entregue na Praça de D. Affonso Henriques 14 a 15.

Redacção	85500
Luiz da Costa Mello	500
Antonio José de Faria	500
Francisco Vieira Pereira de Carvalho	500
Roberto Victor Germano	500
José de Freitas	500
Um anonymo	250
Antonio Lopes Martins	300
Manoel Lopes Martins	200
João Vieira Rebello	200
Joaquim Martins Guimarães	300
Antonio Ribeiro Barandas	500
Manoel Alves da Silva Pinto	500
C. Lema	1:000
M. Fernandes	500
S. O.	500
J. F.	500

15:750

(Segue)

Os comicios na cidade do Porto

Muito se tem escripto a respeito dos dous comicios que no dia 11 do corrente mez de março se realisaram na cidade do Porto, estabelecendo-se discussão larga e acalorada principalmente quanto á concorrencia de cada um d'elles.

Tenho a certeza, a convicção sincera de que te não has-de zangar comigo. Não encontrarias quem te fizesse mais a vontade, do que este «parrenue» que te escreve agora. É por isso que te peço, minha formosa leitora, que me desculpes se n'algum momento eu me tornar insipido e sensaborão. Se me lembrar que tu acolhes a cronica com um sorriso animador, pondo a descoberto o rosario de finissimas perolas que te enfeitam a boca, sentirei forças para continuar a tarefa que encetei. Agora, minha gentil, nada mais tenho a dizer-te.

Estamos na quaresma, tempo de invocações. Pois bem! No remanso do meu gabinete, tendo diante de mim os jornaes parisienses, achando-me cercado pela atmospheria religiosa—que me envolve o quarto, vou invocar o espirito sublime, o espirito scintillante de «Wolf», o grande cronista, vou pedir-lhe para que me conceda um raio d'aquella luz divina que inunda as suas cronicas, um raio d'aquella graça com que elle faz a delicia de todos os que teem a ventura de o ler...

Está feita a apresentação. Creio que já me conheces bem, gentil leitora.

Dás-me licença que te offereça os meus servicos?

Porto | 17 | 3 | 88.

M. Iruso.

FOLHETIM

CRONICA

I

Duas palavras.

Dás-me licença, gentillissima leitora?

Aqui tens mais um cronista, mais um d'esses entes infelizes que, —suprema abnegação!— não se poupam a esforços para fazer passar aos seus leitores uns momentos agradaveis. Apresenta-se hoje um d'esses martyres, que teem de percorrer a «via-sacra» dos acontecimentos, á espera d'uma noticia de sensação, d'um escandalo picante, d'um dito «fresco», do ridiculo emfim, para depois formar um singelo ramilhete de acontecimentos, e, envolvendo-o com o riso da cronica, burilando-o com o escarpello da critica, offerecer-te a ti, ó minha formosa leitora, que talvez agora tenhas um sorriso de desdem para o nome que firma esta desalinhavada prosa.

Bem sei que para te agradar deveria falar-te simplesmente de modas. Que te importa se o mercieiro F... recebeu mais uma commenda como premio dos seus servicos prestados á humani-

Apparecem jornaes que declaram ter sido pouco concorrido o comicio de S. João e muito concorrido o comicio do Principe Real; outros jornaes emitem opinião completamente opposta.

Quem não teve a ventura de assistir a nenhum d'esses comicios, depois de baldado trabalho em investigar a verdade, deverá determinar-se no sentido de que ambos foram bastante concorridos.

Nem vale a pena contar os concorrentes.

A verdade é que no comicio de S. João se reuniram muitas dezenas de pessoas que entendiam ou pelo menos affirmavam que o governo é prejudicial ás instituições vigentes, á manutenção da ordem e do credito do paiz, assim como no comicio do Principe Real se reuniram muitas pessoas que entendiam ou pelo menos affirmavam que o governo actual é solida garantia das instituições vigentes, da ordem publica e do credito nacional.

Exactamente o contrario.

Nem outra cousa era de esperar n'um paiz constitucional.

Mas qual foi o resultado d'estes comicios?

Por effeito d'elles o governo terá de ficar ou terá de sair?

Ao que parece fica. Nem os variados incidentes da camara dos deputados, nem os comicios do Porto, nem o recente chifrimento da camara dos pares o farão cahir.

Pois fique; mas não se persuada que pelo seu triumpho real ou apparente deve cultivar e explorar este paiz como uma gleba que lhe pertence. E' preciso que o governo se convença de que o povo lhe vae perdoando os seus erros na esperança de que serão compensados com verdadeiras vantagens.

Quando o governo regenerador cahiu deploravelmente embrulhado no sudario de canegas o povo volveu olhos esperançosos para a bandeira progressista que então se desenrolava limpida e serena tendo inscriptas as palavras sacrosantas — economia e moralidade.

Diziam os progressistas que o seu programma se resumia n'aquellas singelas mas eloquentes palavras, significativas de grandes ideias; e foi por isso que o povo, com verdadeiro jubilo, viu subir ao poder aquelles que ha muito estavam d'elle affastados e que deviam ter aprendido na desventura, hasteando com pulso vigoroso essa formosa bandeira. Mas essa bandeira estará inda assim immaculada como foi vista nos primeiros tempos? Quem não tem os seus interesses ligados ao governo deve responder categoricamente sem tergiverções e sem rodeios: — Não; não! N'essa bandeira cahiram já duas grandes nodos — o augmento de contribuições e o augmento de funcionalismo.

Se pois o governo progressista não quer sómente ficar por agora, mas quer conservar-se não augmente os impostos porque o povo não pode nem deve pagar mais, e affaste para longe essa grande catterva de pretendentes que ora se curva submissa para apanhar um talher á meza do orçamento.

Não queira ter por si um exercito numeroso de funcionarios publicos e antes prefira ter por si as importantissimas clas-

ses dos lavradores, industriaes e commerciantes.

Declaração peremptoria

Aos tres assignantes que desejam saber qual o verdadeiro significado da palavra *Zirro*, temos a declarar-lhe, para os devidos effeitos, que nós apenas somos *paes da creança*; e como o *padrinho* está doente rogamos-lhe o especialissimo obsequio de esperarem que elle melhore para os *illucidar* como desejam.

Bem sabem que, elle que o fez lá o entende, *percerem*?

Ora pois...

SONETO

Temos hoje o prazer de abrilhantar as columnas do nosso jornal com uma esplendida versão de Richepin, devida ao talentoso e inspirado vate dr. E. Garvalho.

Com alguns momentos que s. exc.^a roube ao seu aturado trabalho, poderá tornar o nosso jornal digno da attenção dos melhores mestres.

E' o que incarecidamente lhe pedimos.

Paixão estranha

Ella, a mulher gentil dos sonhos meus,
O magico condão que tanto adoro,
Encontral-a, hontem fui, banhada em choro
Tangendo os eccos c'os gemidos seus!

Vestal afflicta! corro a *ella* — oh! cous,
C'oa lembrança cruel tremo e descoro!
Tinha em desordem o seu cabello louro
E no auge da dor renegava a Deus!

Co'o peito d'ancias cheio e cruciado:
— *Que tens, ó anjo, que nunca assim te vi?!*
Ella, mostrou-me um berço marchetado.

Senti ciúmes vis — a elle corri...
Vejo no berço um branco cão deitado...
— *Soube tudo... morrera o seu Joly!*

Xavier de Paiva.

Melhoramentos

Promettemos n'um dos numeros anteriores d'esta folha, mostrar os melhoramentos de que esta cidade carece. Para isso temos que nos referir á igreja de S. Sebastião, que é o alvo de todas as attensões, o pião das nicadas dos negociantes da Praça de D. Affonso Henriques, e o phantasma colossal que se apresenta ante os olhos da junta de parochia, que lhe tem posto a mioleira em agua e proporcionado noites de verdadeira insomnia.

A demolição da igreja de S. Sebastião, é, como dissemos no primeiro numero d'esta folha, um dos melhoramentos materiaes de que Guimarães bastante carece; porem, não achamos desde já conveniente a sua demolição enquanto não se proceda á expropriação d'um muro fronteiro áquella igreja, ao concerto da rua

da Caldeiroa e d'um pequeno espaço de terreno no largo de S. Sebastião aonde se despeja entulhos e outras materias que se tornam indecentes aos olhos dos viajantes que da estação do caminho de ferro por alli passam com destino a esta cidade.

A demolição da igreja vae tornar mais visiveis estes enxovalhos da cidade, — que é a prova evidentissima do mau gosto e do desmazelo da nossa vereação; e é por isso que dizemos que se conserve a igreja até que a illustre vereação mande proceder á expropriação d'aquelle muro, e mande concertar as ruas que acima nomeamos, com a urgencia que o caso exige, e apeie-se depois a igreja.

Mas já estamos ouvindo dizer ao senado vimaranense — *não ha dinheiro*.

Agora temos os indecentissimos matadouros que são na verdade uns focos de infecção.

Ha muito tempo que se se escolhe o local mais proprio para a construcção d'um novo matadouro, e parece-nos que já está em vistas o sítio que se proporciona para tal fim; porem, até hoje... *nicles*, — *não ha dinheiro*.

Temos depois a cadeia, cujo predio nem pertence ao municipio!

Acha-se em más condições hygienicas; a sua construcção é má e mal localizada, soffrendo, os infelizes que alli se acham presos, o rigor do tempo porque mal lhe chega um leve raio do sol.

Em tempo fallou-se na edificacão d'uma nova cadeia, porem, essa ideia eclipsou-se, e hoje... nada, — *não ha dinheiro*.

Na rua de Santa Rosa de Lima, ha um predio que ameaça ruina; na rua de D. João 1.^o, outro; na rua de Santo Antonio, mais do que um; e a nossa vereação não manda intimar os seus proprietarios para arrear as paredes ou concertar aquelles predios, porque — *não ha dinheiro*.

No largo do Carmo ha uma horta (desculpe-nos o proprietario por lhe tocar outra vez na sua...) que as Magestades, quando visitaram esta cidade e se hospedaram em casa do excm.^o sr. Conde de Margaride, ficaram boqui-aberto ante as verdes couves que aquella *formosa* horta produz, em pleno largo do Carmo!

A excm.^a camara quer destruir aquella... horta mas — *não ha dinheiro*.

As ruas da cidade algumas ainda ha pouco tempo calcetadas e outras compostas, encontram-se em pessimo estado, isto devido ao zelo *demasiado* do fiscal das obras que consente que os empreiteiros calcetem as ruas com pedras demasiadamente pequenas o que muito concorre para a prompta deterioração d'uma rua apenas nova. E a camara quer mandar reparar as ruas mas — *não ha dinheiro*.

Finalmente, o senado vimaranense tem desejos de fazer grandes melhoramentos n'esta cidade mas não pode porque *não tem dinheiro*, porque a maior parte da renda do municipio é para mandar fazer estradas unicamente para satisfazer os caprichos de algum amigo politico ou para gastar em superfluidades que nada interessam o publico.

Desejava-mos um senado mais patriótico e menos caprichoso.

DIAGNOSTICO

(VERSÃO DE RICHEPIN)

O rosto se enruguece, e, feбри-reluzentes, os olhos choram agua; a bocca escancarada é negra cavidade em baba lambuzada onde badala a lingua e s'enfileiram dentes;

impola-se a barriga em roscas salientes turgindo e desinchando, ás ondas, alternada; e os pulmões, cuspidos o spasma, á destapada goela vêem uivar uns gritos estridentes...

Qual é porém o mal, qual essa epilepsia, em que se agita e cala o miolo embrutecido, que traz ao sentimento e aos nervos rebeldia,

par'cendo o corpo um peixe vivo a frigir? E' um nosso grande amigo, e até o mais querido, é quem, na gargalhada, alegre a gente—o Rir!..

E. Carvalho.



AO PUBLICO

Os prodigos e esbanjadores

Sob este titulo appareceram por ahi ha dias uns papeluchos impressos que se não fosse o seu auctor o celebre Vaso de Nabos, nós tinhamos o arrojo de lhe mostrar que é uma embrulhada de tal ordem que nem os sete sabios da Grecia são capaz de a comprehender. O que facilmente se comprehende é o palavreado de pau e corda...

Ai! sr. Vaso de Nabos!



Nomeação

Foi nomeado capellão da Real Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos d'esta cidade, o rev.º Francisco Antonio Peixoto de Lima, cavalheiro a todos os respeitos digno da merecida conferida.

Ainda que tarde, d'aqui lhe enviamos os nossos cordeaes parabens.



Quem dera?

N'um jornal do Porto deparamos ha dias com uma local cujo titulo era o seguinte: policia feminina.

Não nos demos ao trabalho de ler a local porque só o titulo nos satisfez.

Qualquer governo que adopte este sistema de policia em Portugal pode contar com a nossa adhesão, quer seja Serpáceo, Barjonaceo, Lucianista ou Consiglierista.

Então é que vale a pena ser vadio e de desordeiro, porque não ha homem que fuja á prisão d'uma mulher!!!



MONUMENTO

Por informações fidedignas sabemos que a commissão de monumento a Pio IX, trabalha activamente para, no mais curto praso de tempo, levantar a estatua aquelle notavel Pontifice.

Se no numero 7 d'esta folha dirigimos uma piadinha á illustre commissão, foi para ouvirmos em intima cavaqueira um sacerdote nosso amigo a quem respeitamos.

O grilhado da local que publicamos n'aquelle numero, com a epigraphie —Pedido justo— não tinha em vista offender as cinzas do finado Papa, nem tão pouco ferir o melindre da commissão.

De resto as columnas do «Zirro» estão ás ordens.

GAZETILHA

A vistosa procissão
Denominada de Passos
Encontrou taes embaraços
Que a obrigou a capuz;
E para á chuva occultar
Os seus ricos paramentos

.....
Padeceu grandes tormentos,
Duros martyrios na cruz.

Nunca de Braga bom tempo,
Diz o ditado, e é certo,
E se estava um ceu aberto
Quando da igreja saiu,
E' que o Christo não sabia
Do braguez commendador,
Mas depois disse ao vedor:
Solta a chuva, e ella caiu.

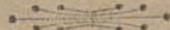
Foram duas trovoadas
Que deram a isso causa,
Dizia com certa pausa
Um trocista cá dos nossos;
Mas ellas eram tão seccas
As trovoadas referidas
Que ambas ellas espremidas,
Seccas ficam como ossos.

Este circulo tem dous homens
Que o representam em Côrtes
E ambos elles tão fortes
Que fazem admiração;
Para as causas de Guimarães
Juntam-se ámbos n'um só elo,
São elles: Franco Castello
E Machado Capitão.

Quando ha dias se tractava
Da questão da Collegiada,
Disse uma voz isolada
Ao sur. ministro Beirão:
Niuguem lhe dá no escriptorio
Doze vintens p'lo conselho!
Responde então mui vermelho:
—Vou estudar a questão.

E' que essa voz isolada
Entendeu que o tal projecto
Viria a ser objecto
De não mais ver sol nem lua.

Dulcinea.



Pharol na Penha

No domingo ultimo accendeu-se pela primeira vez o pharol que o nosso amigo Albano Bellino mandou collocar no ponto mais elevado da formosa Penha.

Como a serra «desapparecesse» envolta n'um denso nevoeiro, só ás 10 horas da noite se pôde descobrir o pharol continuando assim até ás 3 da madrugada.



FRISCA

Um sujeito casado, que estava pescando á linha, monologava o seguinte:

—«As raparigas são como as linhas dos pescadores, cujo anzol é o olhar, e a isca o sorriso. O amante é o peixe e o casamento a frigideira onde elle se cozinha».

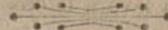


Mercado do peixe

A especulação ou antes o abuso praticado por alguns revendões do mercado de peixe obriga-nos hoje a sollicitar da exm.ª camara as providencias necessarias para que o publico não seja prejudicado na sua saude e logrado nos seus interesses.

N'aquelle mercado a exemplo do que se pratica nas grandes cidades o peixe deve passar por uma rigorosa vistoria afim de se verificar se está ou não nas condições de ser vendido ao publico. No nosso mercado se por ventura essa fiscalisação existe, é de tal modo imperfeita que os especuladores ludibriam facilmente os incautos.

Aqui fica por hoje a nossa reclamação certos de que a exm.ª camara lhe dispensará as attentões que requer.



CURIOSIDADE LITTERARIA

Do Mercantil, de Loanda—textual.

LUXIMBI

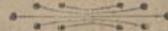
26 de junho de 1887

AO PUBLICO

Exm.º sr. Director do MERCANTIL

Queira v. s.ª dar publicidade d'estas linhas no seu muito creditado jornal o que acabo de soffrer no dia 22 do corrente mez, que não anima cubardia o que desejo que que tenha vigor do povo, sentia falta de certos Mercados de negocio no meu estabelecimento tentei tirar 12 a de borracha 1.ª para seu liquido e producto, vir os artigos que precisavam, sendo polvora, barretes finas agulhas envelopes lizos, que os meus freguezes precisavam, é como sabia que o sr. Alfredo José de Barros tinham qaes mercados logo dispachei para a sua entrega, é respondéo-me pelo seu proprio punho accusando o que me refiro, logo mandou-me só quantia amenos de barretes e agulhas menos polvora, ficando offerido acima com meu soldo de réis fortes 6\$475, isto em 15 do corrente, é quando foi em 22 do mesmo mandei vir e meu soldo em chaminés e outras miudezas do negocio, logo estava. O sr. Alfredo José de Barros, dentro de um caixa morto, que daforma foi amiuha carta fechada assim voltou, oh desgraça que veio de dia, aquem hida cobrar o meu dinheiro que custou ganhal-o, d'esta forma ficão offerecidos as cinzas da sua alma por cathár e bom cavalleiro:

(a) José dos Santos Maia.



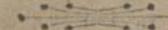
FACECIAS

No jogo de prendas.

Um cavalleiro a uma dama:

—Se a minha testa fosse esquina o que lhe escreveria?

—Escrevia... escrevia uma rosa.



O AZ DE COPAS DO BARALHO

Um estrangeiro, que entendia muito pouco da lingua portugueza, estando uma noite conversando com certas moças, ficou apaixonado excessivamente por uma d'ellas. Ao retirar-se querendo elle dizer-lhe que a levava em seu coração, e não sabendo proferir esta palavra em portuguez, deu por acaso com um baralho sobre a meza, tirou o az de cópas, cuja pintura é justamente a de um coração, e chegando a um sujeito perguntou-lhe em voz baixa:—«Como chame este couso?»—Chama-se az de cópas.—Muito bem; despediu-se de todos, e approximando-se da moça por quem estava apaixonado, poz a mão sobre o coração, e disse com toda a ternura:—Mademoiselle, eu leva você no meu az de cópas».

Um pregador exhortava os seus ouvintes, a que fizessem penitencia: e tendo na mão um crucifixo, gritou:—«Sim, meus ouvintes. n'este mundo cada um deve levar a sua cruz.»—Um marido ao sair da igreja, pegou na mulher ás costas, e disse:—«Eu cá levo a minha cruz.»

Certo Portuguez estando em uma cidade da Hollanda e vendo-se embaraçado, por ignorar a lingua do paiz, exclamou n'um excesso de máo humor: Que estúpido povo é este! Eston aqui ha 5 annos, e ainda não entendem o que eu digo!

Em pretensões amorosas eram competidores um velho e um rapaz. Este disse em uma occasião ao seu rival, na presença do objecto de seus mutuos galanteios, que se deixasse de amores, e fosse rezar n'umas contas.—«Diz isso por eu ser velho, e o snr. rapaz, respondeu o outro; pois saiba que na minha terra mais moço é um homem de cinquenta annos, que um jumento de quinze.»

ANNUNCIOS

Estação telegraphica
DE
GUIMARÃES

Em virtude do Decreto de 1 de dezembro de 1887, o horario que a esta estação compete desempenhar é o seguinte:

Desde 1 de abril a 30 de setembro

Nos dias ordinarios, está aberta das 7 horas da manhã ás 9 da noite.

Nos dias sanctificados, abre das 8 da manhã á 1 da tarde e das 2 ás 6 da tarde.

Desde 1 de outubro a 31 de março

Nos dias ordinarios, está aberta das 8 horas da manhã ás 9 da noite

Nos dias sanctificados, abre das 8 da manhã á 1 da tarde e das 2 ás 5 da tarde.

Fora das horas regulamentares podem ser transmittidos quaesquer telegrammas pagando o expedidor mais 1:600 rs. alem das taxas ordinarias. (Art.º 17 do Decreto acima citado).

Guimarães, 24 de março de 1888.

O 1.º aspirante chefe

José Joaquim Henriques.

COMPANHIA FABRIL SINGER

AGENCIA EM GUIMARÃES

Praça de D. Afonso Henriques 14 e 15

Acaba de receber um completo sortido das suas magnificas maquinas Singer, de lançadeira oscillante, progresso recentemente introduzido nas suas machinas de costura que são as melhores do mundo! Certifica-o a sua enormissima venda e e attestam-n'o os diplomas de honra e merito que em todas as exposições lhe são conferidos em primeiro logar! O representante da companhia n'esta cidade tem igualmente á venda todos os petrechos indispensaveis ás machinas Singer e bem assim carros de linha e torsal em todas as côres.

Se quereis ser bem servidos procura a succursal da Companhia Singer em Guimarães.

Preços excessivamente baratos!

BARATEZA SEM IGUAL!

SINGER.

NOVO ESTABELECIMENTO

(POR JUNTO E A RETALHO)

Joaquim Pereira Mendes

Participa aos seus amigos e ao publico em geral, que abriu o seu novo estabelecimento, onde encontrarão um esplendido sortido de chitas, setinetas, percaes, morins, pannos crus, merinos de lã, lenços de seda, cachenez, chalinhos de malha, cotins, riscados, guarda-soes para homem e senhora, e todos os artigos de miudezas e quinquilharias, tudo artigos de gosto, adquiridos nas principaes casas do Porto e Lisboa.

Para tudo reserva preços especiaes porque deseja vender barato.

Tem grande sortido de bilhetes de loterias, e promette dar a sorte grande a quem se habilitar.

RUA DE PAYO GALVÃO

(JUNTO Á ESTAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO)

GUIMARÃES

O RECREIO

Almanach Litterario e Charadistico

Para 1888 (2.º anno)

Adornado com o retrato e elogio biographico do distincto escriptor e romancista

FRANCISCO LEITE BASTOS

POR

FRANCISCO ANTONIO DE MATTOS

Contendo, alem do calendario e mais esclarecimentos proprios d'um livro d'esta ordem uma variada collecção de artigos humoristicos, contos, poesias, charados, enygmata, logogriphos, problemas, etc.

Preço: 200 reis

A' venda nas principaes livrarias de Lisboa. Remette-se pelo correio a quem enviar 215 em estampilhas á administração do Recreio, Rua Nova de S. Mamede, 26.

F. MARTINS SARMENTO

OS ARGONAUTAS

Subsidios para a antiga historia do Occidente

Preço. 1\$500
Pelo correio 1\$560

PEDIDOS A SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

GUIMARÃES

LOJA ALLIANÇA

ALFREDO DE OLIVEIRA NEVES

Com estabelecimento de merceria, confeitaria, vinhos finos engarrados, cognac, champagne, conservas inglezas e nacionaes, e mais generos pertencentes a este ramo de negocio.

117—LARGO DO TOURAL—118

GUIMARÃES

268, RUA DO OURO, 270

(QUARTEIRÃO CONTIGUO AO RAC)

LISBOA

Luvaria D. Rocha & C.ª

Grande sortimento de luvas de pellica de primeira qualidade que é esclusiva fabricação d'este estabelecimento.

Alem da luva de pellica Glacé e Suede ha bellissimo sortimento em seda escocia e de castor para millitares.

Aos dignissimos habitantes das provincias

Consumidores de luvas, lembramos-lhe com devido respeito, que podem requisitar d'esta LUVARIA o catalogo, contendo: côres, preços e todos os esclarecimentos, para por elles fazerem as suas encomendas as quaes são sempre esmeradamente executadas e com a possivel brevidade remettidas.

TYPOGRAPHYA VIMARANENSE

RUA DE CAMÕES

GUIMARÃES

N'esta typographia executam-se com a maior perfeição e nitidez todos os trabalhos concernentes a esta arte, taes como: facturas, memoranduns, circulares, mapas, bilhetes para estabelecimento, ordens de pagamento, editaes, folhas para registos parochiaes, conhecimentos, recibos etc.

Typ. de Guise—Rua de Camões